

A NOÇÃO EPICÚREA DE EUSTATHEÍA E A TÉCHNE HÉ IETRIKÉ

Markus Figueira da Silva*

Resumo:

Este breve artigo traz em seu bojo a articulação da compreensão fisiológica do corpo-carne em Epicuro com a *Téchne hé Ietriké* (Medicina Antiga), com vistas a mostrar o *éthos* (caráter) comum à medicina e à filosofia na antigüidade.

1 - A NOÇÃO DE EUSTATHEÍA

O termo grego *eustatheía* significa, literalmente “boa disposição”, e foi definido por J. Brun como “equilíbrio das diversas partes do corpo vivo”¹. Este termo não foi encontrado dentre as proposições das Cartas, nem tampouco nas Máximas. Encontramo-lo citado por H. Usener, no fragmento de número 68 da sua *Epicúrea*. Nela, o autor revela a sua fonte; trata-se de Plutarco², que atribuiu a Epicuro a seguinte proposição:

(...) O gozo mais alto e mais sólido resulta da condição de equilíbrio (boa-disposição) da carne, e a esperança fundada de a conservar, para quem saiba considerá-la, proporciona (contém) a mais alta e segura alegria (...)(Us., 68, p.185).

G. Arrighetti traduz o termo em questão por *benessere*, que facilmente pode ser traduzido por bem-estar. Contudo, vimos na

* Doutor em Filosofia, Professor do Departamento de Filosofia da UFRN.

¹ BRUN, J. *Épicure et les épicuriens*, P.U.F., Paris, 1961, p.168.

² PLUTARCO. *Contra Epic. Beat.*, 1089 d.

expressão “boa disposição” a melhor tradução para o termo *eustatheia*, tendo em vista o fato de que, se tomado literalmente, encontramos imediatamente a idéia de um estado equilibrado, no sentido físico do posicionamento deste corpo em relação ao meio em que se encontra. Queremos com isso chamar a atenção para as constantes relações estabelecidas entre o corpo que age e sofre e as coisas sobre as quais age e das quais sofre afecções. A boa proporção, a harmonia e a estabilidade física do corpo são definições análogas do termo equilíbrio. Este termo, entretanto, é pensado pela física - particularmente pela mecânica - como o estado de um corpo em repouso, em que as forças que o sollicitam se contrabalançam exatamente. Podemos então pensar tais forças como expressões da natureza que podem ou não afetar o corpo, e, neste sentido, é igualmente possível pensarmos que este equilíbrio não é absoluto, mas oscilatório, uma vez que afetos e desafetos ocorrem casualmente na natureza, ainda que a nossa conduta disponha-se ao exercício da *phrónesis* e da *autarkeia*. É preciso que se esclareça que, na natureza, o movimento de constituição e desconstituição dos corpos é constante e inevitável, mas no que diz respeito à conduta do homem, esta também depende da sua vontade ou deliberação.

De tudo o que dissemos até aqui podemos concluir que o uso do termo *eustatheia* pode se dar como sinônimo, ou por analogia ao termo *aponia*, que significa ausência de perturbações na carne, e serve tanto à filosofia, quanto à medicina, no que diz respeito à *technè tis perì ton biòn* (um saber para a vida) e à *téchne hé ietriké* (um saber médico).

2 - EPICURO E A *TÉCHNE HÉ IETRIKÉ*:

A possível compreensão epicúrea acerca da medicina de sua época pode ser “intuída” em algumas raras passagens dos seus textos, mas não encontram-se nelas elementos que venham a demonstrar suficientemente um saber médico inerente aos discursos epicúreos, nem tampouco temos notícias de algum discípulo, de sua época ou tar-

dio, que tivesse sido médico. Entretanto, a análise do *sarkós* envolve um conjunto de reflexões em torno do cuidado com o corpo.

Sabemos de diversas interseções entre medicina e filosofia no pensamento antigo, desde Alcmeon de Crótona e Empédocles de Agrigento, passando por Sócrates, até Platão³ e Aristóteles⁴, em cujos textos encontramos as mais numerosas referências às analogias, que tomam ora a medicina, ora o médico como um dos termos e, do outro lado, encontramos as vezes a *pólis*, as vezes o político, as vezes o filósofo. Neste sentido, podemos estabelecer analogias entre a medida do agir e a medida do cuidar, ambas tendendo sempre a um equilíbrio, seja como “justa medida”, seja como “meio termo”.

Quando afirmamos a pertinência dessas analogias, temos presente que tanto a filosofia, quanto a medicina, buscam explicitar o cuidado de si, tendo em vista que a ação de cuidar é própria do modo de ser do homem.

(...) A medicina é a arte de curar as enfermidades por seus contrários. A arte de curar e de seguir o caminho pelo qual cura espontaneamente a natureza (...) (Hip., Afor. 2, p.18).

Epicuro concebe a filosofia como o exercício de uma sabedoria para a vida, e pensa ser este o caminho para a realização da natureza do *sophós* em seu vigor e potência. Ora, o saber médico parece também buscar a realização do corpo em todo o seu vigor e potência, que são expressões do modo de ser da própria natureza. A cura, auxiliada pelo saber, é para a medicina um modo de ação do médico de acordo com a natureza, o que quer dizer que, em última análise é a natureza que cura, pois é ela mesma que se restabelece, e a partir de si mesma. Vemos aqui que a medicina, do mesmo modo que a filosofia, constrói um saber acerca da natureza, o que Epicuro chamou de *Physiología*. Mediante isto

³Veja-se a este respeito, PLATÃO: *Leis*, 857 c-d; *Górgias*, 464 b, 465 a, 501 a ss.; *Fedro*, 270 c.

⁴Veja-se a este respeito, ARISTÓTELES: *Política* I, 11, 1282 a 1-7; *Ética Nicomaquéia*, X, 10, 1182 b.

percebemos que tanto para a filosofia epicúrea quanto para a medicina antiga, a *phýsis* é a questão fundamental que enseja toda e qualquer busca pelo conhecimento, sendo por isso, ao mesmo tempo, princípio e finalidade do conhecimento médico e do conhecimento filosófico. E é desde a compreensão da *phýsis*, que pode se estruturar a ação do médico ou do filósofo. Esta ação traduz o sentido de um agir “de acordo com a natureza”, que significa ter a sua *archè* - que é princípio e comando - na natureza, ao mesmo tempo que o *télos* - que é finalidade da ação do homem no mundo e, especificamente finalidade do conhecer, também na natureza.

2.1 - A COMPREENSÃO MÉDICA DO EQUILÍBRIO

(...) O homem se encontra na mais excelente condição quando tudo está em cocção⁵ e em repouso, sem que se manifeste nenhuma força particular (...) (Hip., An. Med., 620a, p.17).

A medicina surge como *techné* primeiramente enquanto prescrição alimentar, que se serve da dosagem como critério de medida para manter ou restituir o equilíbrio ao corpo. O médico detém o saber relativo ao modo correto de administrar a quantidade conveniente de alimentos para cada constituição orgânica, uma vez que o médico dirige sua análise e a aplicação de sua técnica a cada indivíduo em particular⁶.

O contexto no qual a medicina antiga situa o homem é o mundo natural, tal e qual era compreendido àquela época. Conhecer os problemas de determinado homem, para assim diagnosticá-los, significava conhecer “o que ele é em relação ao que come e bebe, à sua maneira de viver e os efeitos que tudo isto produz nele”(JAEGER, p.702). Neste sentido, a medicina é uma *techné* superior, pois tende a conhecer a natureza (as causas) das realidades sobre as quais se debruça. Advém deste

⁵ **Cocção**, neste contexto, significa alimentos bem assentados no estômago, o que inviabiliza a produção de efeitos nocivos ao organismo, e que significa também repleção.

⁶ JAEGER, W. *Paidéia*, p. 701.

conhecimento principalmente um *éthos* (modo de ser) ou um saber voltado para a sua aplicação.

O saber médico busca ser preciso, mas não é, a priori, uma ciência exata; o médico cuida dos pacientes a partir de receitas obtidas por experimentação, ou segundo a experiência (*empeiria*). Ainda que a medicina vise estabelecer uma medida que restaure o equilíbrio de um corpo, ela não trabalha com números genéricos que possam ser apresentados com exatidão. Em medicina a exata precisão raramente se encontra, talvez por trabalhar sobretudo com a ordem concreta e fenomênica da realidade.

2.1.1 A DOCTRINA DAS QUATRO QUALIDADES FUNDAMENTAIS: O EQUILÍBRIO DOS HUMORES (*CHYMOÍ*):

A medicina antiga, paralelamente à *physiología* grega, compreende a natureza animada do homem como efeito da combinação das quatro qualidades fundamentais, ou seja: o quente, o frio, o seco e o úmido. Isto a que chamam combinação tem um modo pleno de se dar, ao qual podemos chamar equilíbrio. Mas como definir o equilíbrio em relação à natureza do homem (*phýsios anthropoy*)?

(...) O corpo do homem encerra sangue, fleuma, bÍlis amarela e bÍlis negra. Aqui está o que constitui a natureza do corpo; aqui está a causa da doença e da saúde. Nestas condições, há saúde perfeita quando estes humores estão numa justa proporção (equilÍbrio) entre si, tanto do ponto de vista da qualidade, quanto da quantidade, e quando a mistura está perfeita (...) (*Hip., Nat. Hom., 3, 1-4,2, p.173*).

E a doença decorre necessariamente do desequilÍbrio ou desarmonia entre os humores. Além disso:

(...) Estes humores, muito longe de ser uma substância Única, possuem cada um sua propriedade e sua natureza respectivas (...) (*Hip., Nat. Hom., 5, 1-3, p.174*).

O exame desses humores, ou qualidades fundamentais, através dos experimentos feitos à época, produziu “soluções” para a manutenção do equilíbrio no corpo. Estas influíam diretamente no modo de conduta próprio de cada indivíduo, em relação a alimentação, à ginástica, ao uso dos prazeres, etc..., variando sempre de acordo com as estações do ano e outros estados da natureza:

(...) Assim, todos estes elementos existem perpetuamente no corpo do homem, mas com o ciclo das estações, passam por fases de aumento e diminuição, cada um por sua vez e de acordo com sua natureza (...) (Hip., Nat. Hom., 7, 7-8, p.185).

Já o tratamento para a restituição do equilíbrio depende da compreensão que o médico tem da doença e dos meios, se eles existem, de combatê-la; por exemplo: mediante o fortalecimento de alguma parte do organismo com remédios comprovadamente eficazes.

(...) Todas as doenças que provêm de um pequeno incômodo e cujas causas são fáceis de conhecer são aquelas que oferecem o prognóstico mais garantido. Para seu tratamento, é necessário opor-se à causa da doença; desta forma se poderá dissipar o que provoca a doença no corpo (...) (Hip., Nat. Hom., 13,1,p.201).

Devemos aqui ressaltar a audácia do pensador na investida em direção ao conhecimento. Não se discute tanto o valor epistemológico da afirmação hipocrática, mas a orientação à conduta médica. Podemos perceber claramente a sua preocupação com o modo de agir em relação à realidade do fenômeno. A dinâmica de realização da medicina antiga incide diretamente sobre a cultura grega daquela época, ao mesmo tempo em que adota pressupostos metodológicos comuns tanto à medicina quanto à filosofia: princípio de causalidade, noção de natureza, métodos de observação, de analogias e de experimentação⁷.

⁷ Idem, p. 689.

A medicina antiga parte da observação do caráter (*éthos*) do indivíduo, visando com isso compreender as relações possíveis e habituais entre este indivíduo e as coisas por ele experimentadas no meio em que se encontra. Para a medicina desta época o problema consiste em saber o que cada homem é, não em si, mas em relação ao que come, bebe, à sua maneira de viver e aos efeitos que todos estes fatores podem produzir nele.

Desta forma, salta aos olhos de quem analisa o pensamento médico antigo que a compreensão da natureza do corpo estudado engendra uma conduta, prescrita de acordo com os limites de realização próprios deste corpo, e esta conduta tem a finalidade explícita de manter ou restabelecer o seu equilíbrio, ou a sua harmonia.

Parece-nos clara, pelo que acabamos de expor, a pertinência do saber médico antigo para os propósitos da filosofia epicúrea, no que diz respeito ao equilíbrio como finalidade inerente ao exercício da vida feliz (*makários zén*). A dietética, a ginástica, enfim, o viver segundo a natureza própria de cada um, demandam um certo saber comum tanto à medicina, quanto à filosofia que tem em vista o bem estar, ou a boa-disposição (*eustatheía*) do indivíduo. Este saber é fundamental e determinante na escolha que o sábio epicúreo faz em relação ao meio em que passará a viver, tanto quanto ao regime alimentar que adotará e aos cuidados que tomará em relação ao seu corpo. Ele dá ao sábio a medida do agir necessário à manutenção de sua saúde, livrando-o do excesso e da carência, dos alimentos que lhe são prejudiciais e, sobretudo, do hábito, ou modo de vida, no qual não lhe seja possível a escolha ou a recusa. Tais ensinamentos constituem uma parte do que consideramos ser a ética epicúrea, na medida em que proporcionam ao corpo o equilíbrio físico, que por sua vez, livra a alma dos efeitos danosos das doenças e das preocupações que um estado enfermo venha a causar. O equilíbrio do corpo pode ser afetado pelo fato dele não precisar reagir às afecções (*pathé*) que provocam as mais diversas disfunções orgânicas e os efeitos psíquicos suscitados por estas disfunções.

Se é plausível a tese que diz ser o sábio autárquico e, portanto, detentor do domínio de si, então está sob o seu domínio cuidar do seu

corpo ao ponto de evitar tudo o que venha a lhe causar reações estranhas e desnecessárias à sua realização natural. Em certo sentido, percebemos nesta conduta traços evidentes de um vitalismo, ou de um pensamento que tem na vida, e no modo de realizá-la, a sua questão fundamental. No que concerne às influências negativas que ocorrem por casualidade, e que são do domínio da natureza, o sábio não deve temê-las, nem ignorá-las, apenas fazer o que está ao seu alcance, certo de que, se essas influências por natureza escapam ao seu domínio, de sua parte não haverá mais o que fazer. Em qualquer sentido, o princípio da não-reatividade regerá a sua conduta, pois nenhuma reação supera o modo de ser da própria natureza, que uma vez conhecido, engendra paz e tranqüilidade àquele que experimenta este conhecimento, e angústia e desespero àquele que se põe em desacordo com ele, seja sob a forma de ignorância, seja por alimentar crenças vãs provenientes da imaginação. Em suma, não reagir aqui tem o sentido explícito de não aceitar nem procurar o que não condiz com a plena realização física do corpo, ou ainda, manter-se alheio aos desejos vãos e aos valores que se mostram em desacordo com o que realmente importa à saúde e ao equilíbrio ou a boa-disposição (*eustatheía*) do corpo-carne e à sua inseparabilidade da alma, pelo menos enquanto vive.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ARRIGHETTI, G. *Epicuro - Opere*, Torino, Ed. Giulio Einaud, 1960.
- BRUN, J. *Épicure et les épicuriens*, Paris, PUF, 1968.
- HIPÓCRATES *Ancienne Médecine*, texto e tradução de A.J. Festugière, Paris, Klincksieck, 1948.
- _____ *La nature de L'homme in Oeuvres*, tradução sob a direção de F. Robert, Paris, Les Belles Lettres, 1955.
- JAEGER, W. *Paideia*, São paulo, Martins Fontes, 1986.
- LAÊRTIOS, D. *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*, Brasília, UNB, 1988.